

**COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

**PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA**

**FEIRA DE SANTANA - BAHIA**

**2021.2**

Jamile Fernandes Almeida

Joselandia Oliveira de Araujo

Thais da Silva Matos

PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

Artigo apresentado como requisito parcial de avaliação para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia, no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob coordenação da professora Msc. Claudene Ferreira Mendes Rios, junto ao Colegiado de Pedagogia, na Faculdade Anísio Teixeira.

Orientador: Profa. Me. Rosana Fernandes Falcão.

FEIRA DE SANTANA - BAHIA

2021.2

**PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA**

Jamile Fernandes Almeida[[1]](#footnote-1)

Joselandia Oliveira de Araujo[[2]](#footnote-2)

Thais da Silva Matos[[3]](#footnote-3)

Rosana Fernandes Falcão[[4]](#footnote-4)

**Resumo**

A prática da contação de histórias no contexto educacional, é vista como um convite ao aluno para adentrar o mundo da imaginação, e por isso tem sido resgatada nas escolas por meio de projetos que estimulam a leitura. Assim, consideramos de suma importância o uso de propostas de atividades lúdicas que envolvem os atos de ler e escrever, para que a experiência da criança com essa modalidade de linguagem, seja cada vez mais prazerosa. Desta forma, o presente estudo tem como objetivo, compreender a percepção de professores alfabetizadores sobre as implicações da contação de histórias, enquanto estratégia pedagógica, no processo de alfabetização. O estudo foi realizado em uma escola municipal do Ensino Fundamental e contou com a colaboração de duas professoras alfabetizadoras do 1º e 2º anos. Visando alcançar o objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa com caráter exploratório descritivo, na qual, realizamos um levantamento e aplicação de questionário para a coleta de dados. Os resultados encontrados a respeito da temática, apontam que a contação de histórias, no processo inicial da alfabetização, pode desenvolver na criança o interesse pelas práticas de leitura e escrita, além de instigar a criatividade, a oralidade, possibilita também, o aprendizado da escuta e contribui, fundamentalmente, na formação da personalidade da criança, e o desenvolvimento social e o afetivo.

**Palavras chaves**: Contação de histórias. Alfabetização e Letramento. Formação de Leitores.

**Introdução**

A contação de histórias no âmbito escolar, é um importante recurso para o início do processo de alfabetização, na medida em que colabora para o desenvolvimento das crianças em diversos aspectos, como por exemplo: para a transmissão de valores culturais, formação leitora, desenvolvimento da linguagem e da escrita, imaginação e principalmente para a construção da personalidade e da identidade. Ademais, é um recurso que favorece o desenvolvimento do letramento.

Por intermédio da contação de histórias, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pretende enaltecer como essa ferramenta, vista como uma estratégia pedagógica, pode contribuir para o processo de alfabetização, a partir do questionamento: qual a percepção de professores de alfabetização sobre as implicações da contação de histórias no processo inicial de aquisição da leitura e da escrita? Tendo como objetivo geral: Compreender a percepção de professoras alfabetizadoras de uma escola da educação municipal de Feira de Santana, sobre as implicações da contação de histórias enquanto estratégia pedagógica, no processo de alfabetização. E como objetivos específicos: Conceituar os processos de alfabetização e de letramento; discutir sobre a importância da literatura infantil na formação do sujeito leitor e escritor; e analisar as implicações da contação de histórias, enquanto estratégia pedagógica em classes de alfabetização.

Nessa perspectiva, é necessário enfatizarmos a importância de que o docente da classe de alfabetização precisa ter assegurado referente ao seu papel de alfabetizador-educador dentro da sociedade, uma vez que segundo Abramovich (1997, p16), “ouvir histórias é importante para a formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

E nesse exercício formativo de pesquisa, ancorado na abordagem qualitativa, dialogamos com autores como Soares (2006), Freire (1994), Abramovich (1995), Kleiman (2008), Almeida (2014), Ferreira (1990), entre outros, que nos deram base para a discussão acerca da temática pesquisada, bem como, a validação da utilização da literatura infantil, por meio da contação de história com alunos de classe de alfabetização.

Quanto a coleta de dados, adotamos o método descritivo e interpretativo a partir da aplicação de um questionário para os sujeitos envolvidos na pesquisa, professoras do 1° e 2 º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola da educação municipal de Feira de Santana. E de posse dos dados, ampliamos o nosso entendimento para análise sobre a percepção das professoras de alfabetização, acerca do reflexo da contação de histórias na formação do indivíduo para o letramento, e como esse trabalho com a literatura infantil ocorre dentro da escola.

**Contextualizando alfabetização e letramento**

De acordo com Soares (2004, p.90), pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – **a alfabetização**, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos e atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvam a língua escrita – **letramento**.

Assim, pensar em alfabetização, é entender que ocorre um processo de aquisição do código da escrita e da leitura, que se faz pelo domínio de uma técnica, quando o sujeito apresenta uma compreensão alfabética, técnica e ortográfica, ou seja, um domínio sobre os instrumentos da escrita. [...] "Alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita [...]. A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (sons)". (SOARES, 2006, p. 15).

Por outro lado, é importante salientar que alfabetizar vai além do decodificar letras e palavras, na qual faz-se necessário que ocorra um processo significativo de aprendizagem, assim, a alfabetização é vista como processo de aprendizagem da habilidade de ler e escrever, de modo a se utilizar dessa habilidade como código de comunicação tanto para a leitura quanto para a escrita. Conforme Freire (1994, p. 11) destaca, a alfabetização:

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.

Neste sentido, durante o processo de alfabetização, a criança necessita aprender e adquirir inúmeras habilidades para utilizar a leitura e a escrita como possibilidades fundamentais para uma participação relacionada a questões sociais. Alfabetizar, “é levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita e ensinar as habilidades para ler e escrever. (SOARES, 2015, p. 15).

A partir da demanda do processo de alfabetização, visto como aquele responsável pela aquisição da linguagem durante a vida escolar, e pensando em manter essa relação com a sociedade futura, surge o letramento, que vai além desse processo, ou seja, o letramento é aquele que faz o aparato recebido durante a formação, e que possibilita fazer uma leitura de mundo.

Almeida (2014, p. 205) explica o letramento como aquele que "designa na ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita, inicia-se um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita em diversas situações sociais". Deste modo, afirma-se novamente a utilização no contexto social, visto que o ato do letramento surgiu para complementar a alfabetização.

Para Soares (2006, p.18) o letramento resulta-se em: “[...] estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Outrossim, não basta somente ler e escrever, é necessário adquirir habilidades para utilizá-las em diversas situações cotidianamente.

Assim, o letramento também é compreendido por Kleiman (2008, p. 18) como aquele que ultrapassa os domínios de uma escola. Segundo a autora, “[...] podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Assim, e ainda de acordo com a autora, o conceito de letramento, enfatiza os aspectos sociais e utilitários.

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (KLEIMAN, 2008, p. 19).

De acordo com a citação acima, a escola diante da concepção do letramento, enfatiza apenas algumas remanescentes práticas ligadas à escrita e ao próprio uso da escrita, sendo que, fora do ambiente escolar outros meios de usos e práticas ligados à escrita, são vivenciados com frequência. Nesse sentido, Kleiman (2008, p. 20) afirma que o “[...] fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”. Assim, e de acordo com o que foi explicitado pela autora, o letramento seria, portanto, um conjunto de práticas, com objetivos específicos e em contextos específicos, que direta ou indiretamente, envolvem o processo da escrita.

Nesse sentido e segundo Soares:

A palavra “letramento” nasceu para caracterizar aquele que sabe fazer uso do ler e do escrever, que responde às exigências que a sociedade requer nas práticas de leitura e de escrita. (SOARES, 2010, o. 39).

Assim, é por meio da alfabetização e do letramento que as pessoas se sentem, diretamente, como sujeitos ativos no processo do exercício de suas funções sociais, visto que, esse processo é analisado por ações diversas que embora sejam distintas, constituem-se em informações se que completam. “Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas são inseparáveis, ao contrário, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita” (SOARES, 1998, p. 47).

Desse modo, é importante que a criança e/ou adulto se apropriem da leitura e da escrita, pois atualmente, vivemos em uma sociedade que é considerada letrada. Assim, além de codificar e decodificar as palavras, eles devem compreender os verdadeiros usos sociais da escrita.

Outrossim, a aprendizagem inicial da língua escrita, deve ser desenvolvida em sua inteireza, como um todo, porque essa é a natureza real dos atos de ler e escrever, em que a complexa interação entre as práticas sociais da língua escrita com aquele que lê ou escreve, pressupõe o exercício simultâneo de muitas e diferenciadas competências.

**A formação do sujeito leitor e escritor, através da literatura infantil**

A criança, muito antes de ter contato com a literatura na escola, se faz leitora da sua realidade, do que vê, ouve, brinca e interpreta. E tomando por base essa ideia, a literatura infantil deve ser apresentada a criança como um impulsionador não só da leitura, mas da formação de indivíduo crítico, criativo e capaz de interpretar as ideias a sua volta, bem como, ser criador de novas ideias.

Nesse caminho, destacamos a importância do professor que é capaz de estimular o leitor que há na criança, através não só das propostas de leitura em sala de aula, mas também da contação de história, e dos diversos recursos que podem ser empregados em sala para levar a literatura para os alunos.

O professor tem papel fundamental no ensino da leitura, sendo o mediador das diversas práticas de leitura que ocorrem dentro da sala de aula, utilizando de diferentes recursos para realizar uma atividade significativa para a criança (AMORIM e FARAGO, 2015, p. 147).

Dessa forma, percebemos a importância de o professor estar preparado para ser o percursor dessa inspiração, visto que, é na escola que temos contato com a literatura e a escrita formal, através da alfabetização.

O fato é que o mestre é figura fundamental no processo de formação do leitor. É ele, afinal, o principal mediador de leitura da vida da criança. É quem apresenta aos alunos um repertório variado de textos, traz o que está na narrativa para o plano real, estabelecendo conexões entre a vida do personagem e do leitor. [...] (RUBIN E JORDÃO, 2015, p.46).

Uma vez que a criança se vê no mundo literário, ela é capaz de ser a percursora de suas próprias histórias, ao passo que, através da leitura ou contação de história é possível interpretar o que está sendo dito ou escrito. E através dessas atividades literárias, é importante compreendermos que a leitura é a porta de entrada do aluno no mundo da escrita.

Dessa forma, é necessário que os professores que trabalham com alfabetização e letramento, compreendam que através da formação do leitor é possível formar o escritor. Estes processos devem ser estimulados em conjunto, ou seja, no momento que está sendo trabalhado a leitura, a escrita deve vir como uma habilidade ampliada em conjunto com a leitura, não só para interpretação de histórias, mas também para a escrita de novas histórias.

A Base Nacional Comum Curricular-BNCC, (2017), estabelece que os professores dos anos iniciais do ensino fundamental, 1º e 2º ano, devem promover a formação do indivíduo leitor, inclusive do leitor literário, entretanto, quando observamos os objetivos de aprendizagem previstos para a escrita nesse documento, são sempre direcionados para a gramática, acentuação, construção do sistema alfabético, identificar os diferentes gêneros literários, escrita formal, mas sem abrir espaços para o início da formação de um escritor literário.

Reconhecemos a importância da gramática no que diz respeito a necessidade de nos expressarmos e nos fazermos entender, porém, antes, precisamos saber o que escrever. O que inspira o nosso aluno, o que o incomoda, o que ele precisa falar/escrever para ser visto, ouvido e compreendido. Essas inquietações vão sendo inspiradas através da literatura, da escuta, da leitura e da escrita, da mesma. Monteiro e Nascimento (2020, p.66) reforçam que:

A Literatura é um recurso para ampliar imaginário e o poder de criação das crianças, um ingrediente saboroso que conduz a criança a paulatinamente conhecer o mundo, a diversidade e o seu lugar neste mundo.

A vista dessas ideias, percebemos o papel da literatura infantil como um recurso capaz de desenvolver de forma integral o indivíduo letrado, capaz de ler, interpretar, escrever, se expressar, pensar de forma crítica, além do ser criativo, se colocando como transformador da sua realidade e da realidade do coletivo.

O letramento não está restrito ao sistema escolar, na visão de Kleiman (1995), mas cabe a ele, fundamentalmente, levar seus alunos a um processo ainda mais profundo nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita.

Assim, vislumbra-se a necessidade de uma mudança nas propostas pedagógicas onde se possa alfabetizar/letrando, pois o processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita na escola, não pode ser visto como um mundo à parte e não ter a finalidade de preparar o sujeito para a realidade na qual se insere.

**Procedimentos metodológicos**

A presente pesquisa tem um caráter qualitativo. Para Denzin e Lincoln (2006), uma pesquisa qualitativa baseia-se na construção da definição de uma abordagem interpretativa de mundo, assim, essa abordagem torna-se relevante, visto que, o objetivo desta é compreender as implicações da contação de histórias, enquanto estratégia pedagógica, no processo de alfabetização de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública municipal de ensino.

Como instrumento para coletas de dados, foi utilizado a aplicação de um questionário, onde conforme Gil (2008, p.121):

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado.

Foi utilizado o questionário do tipo aberto, que permite que os respondentes possam fornecer suas respostas de acordo com o que foi perguntado, permitindo o desenvolvimento do raciocínio do participante, de acordo com Gil (2008, p.122).

Sendo assim, a utilização do questionário, como recurso para coleta de dados se tornou o mais adequado para a pesquisa, levando em consideração os sujeitos que participariam da mesma e a pergunta que iremos responder, a partir das respostas fornecidas pelas participantes, confrontando com a teoria utilizada como suporte para a pesquisa.

Foram elaboradas 9 (nove) questões, acerca do tema pesquisado, e 9 (nove) perguntas sobre a formação das professoras, bem como, de suas experiências na área da Educação. Foram convidadas duas professoras que trabalham em uma escola da educação municipal de Feira de Santana, do 1º ano e do 2º ano, já que a classe de alfabetização não se restringe somente ao primeiro ano do Ensino Fundamental I.

A coleta de dados foi realizada com a entrega do questionário na escola, para as duas professoras, onde, após responderem, foram devolvidas por meio de arquivo via o aplicado do WhatsApp.

**Apresentação e análise de dados**

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola municipal de Ensino Fundamental localizada na cidade de Feira de Santana/BA. Abordamos no estudo um caráter descritivo de questionário para coleta de dados, onde duas professoras que ministram aulas no ciclo de alfabetização, sendo elas, uma do 1° ano (Professora A) e a outra do 2° ano (Professora B) do ensino fundamental I, que participaram contribuindo com nosso estudo. Quanto a formação acadêmica das docentes participantes, destacamos que ambas possuem graduação em Licenciatura em Pedagogia, sendo que professora B é especialista em Alfabetização e Letramento e pós-graduanda em Neuropsicopedagogia, enquanto a professora A, não informou se possui especialização posterior a licenciatura.

Perguntamos as contribuintes acerca do tempo exercido na educação municipal, a professora B citou que está a 8 (oito) anos no exercício da docência, em contrapartida, a professora A, não citou seu tempo de exercício no município.

As respostas do questionário aplicado as professoras A e B demostram, que as docentes têm assegurado a importância do trabalho com a literatura infantil e a contação de história na fase de alfabetização, enfatizando que, essas práticas no dia a dia, influenciam em diversos aspectos da formação do estudante, como a criatividade, a oralidade, bem como a leitura e a escrita. Além disso, compreendem a diferença de Alfabetização e Letramento, ao passo que reconhecem que são práticas que devem ocorrer simultaneamente.

Quando perguntadas sobre a questão da **definição de Alfabetização e Letramento,** foi ressaltado que:

São processos complexos, mas que devem caminhar juntos, visto que o letramento se ocupa da função social da leitura e da escrita, enquanto a alfabetização é um processo de aprendizagem no qual o estudante desenvolve a competência da leitura e da escrita. (Professora A).

Entretanto a outra professora, afirmou que:

Alfabetização e letramento são processos distintos que estão diretamente imbricados. A alfabetização consiste em decodificar os códigos e símbolos que levam ao domínio da leitura e da escrita, enquanto o letramento favorece ao uso competente da leitura e da escrita nas vivências sociais. (Professora B).

Sendo assim, de acordo com as respostas das Professoras A e B, podemos destacar que a alfabetização é aquisição da habilidade de ler e escrever, enquanto o letramento diz respeito as práticas sociais. Destacamos também, a importância de que os professores que trabalham com alfabetização atualmente, precisam ter assegurado, que a prática social exige muito mais do que saber ler e escrever, e sim, tem um compromisso de transformar a realidade e oferecer meios para os alunos ver o mundo de uma forma diferente com possibilidades de melhoria de vida.

A respeito **das metodologias e estratégias utilizadas em sala de aula para o ensino da língua escrita**, as docentes destacaram principalmente a importância do professor ser criativo e ter conhecimento acerca dos diversos gêneros textuais. A professora A salientou que “nessa fase de transição da Educação Infantil para o primeiro ano do Ensino Fundamental, é extremamente importante a utilização de estratégias diversificadas, como uso de jogos e a escrita do próprio nome, por exemplo”. Já a professora B, ressalta que “o trabalho com os mais diversos gêneros textuais, o estímulo da oralidade e a prática da escrita, são essenciais durante todo o processo”. Desta forma, destacamos que depende muito da intencionalidade que o professor adota dentro da sala de aula, tratando-se da prática da língua escrita, para que o aluno atinja o esperado, visto que, durante todo esse processo de aprendizagem, o professor é o percursor do ensino.

No que tange **os projetos de leitura que a escola desenvolve,** as professoras têm total conhecimento acerca do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, quando informam que a leitura é o eixo central do trabalho no documento, e que cada turma trabalha a leitura através das modalidades organizativas presentes nas rotinas diárias das turmas. Tanto no primeiro ano com a professora A, como no segundo ano com a professora B, existem projetos titulados como: Leitura Deleite e Ler é um Prazer, que consistem em dinâmicas de leituras dentro da sala de aula com possibilidades de extensão para a casa dos alunos. Assim, percebemos a importância de os professores conhecerem o documento norteador do planejamento escolar, contribuindo para essa interlocução entre os docentes das séries seguintes, tornando assim, o trabalho da alfabetização estruturado positivamente durante os próximos anos escolares.

Acerca do **trabalho da literatura infantil como influência na formação do leitor e escritor**, as docentes concordam que é nessa fase em que as crianças conseguem desenvolver hábitos que as ajudarão como leitoras, e mais, na alfabetização é onde as crianças recebem o maior investimento para leitura, como afirma a professora B, quando diz que “quanto mais se antecede o estímulo, melhor será a perspectiva de desenvolvimento de um bom leitor”. Contudo, a professora A, corrobora com a fala da professora B quando aponta que “o contato com a leitura desde cedo, além do estímulo ao imaginário, proporciona boas práticas de leitura envolvendo diferentes propósitos”.

O trabalho com a literatura em sala de aula, provoca reflexões de natureza cognitiva e afetiva, permitindo ao leitor a entrada em um mundo desconhecido, porém, incitador, que desperta seu imaginário e sua curiosidade, promovendo, mesmo que só no processo da escuta, no momento da contação de histórias, um diálogo entre a criança e o livro. Como esclarece Martins (1990):

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, seja escrito sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação: desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 1990, pg. 33).

Observamos até aqui, que as professoras que trabalham nas classes de alfabetização, concordam e planejam suas aulas seguindo uma linha de planejamento muito similar, destacando a importância da literatura não somente como auxílio no processo de alfabetização, mas também, como uma influência para a formação do leitor, permitindo o desenvolver das ideias e da criatividade. Além disso, compartilham a visão de um professor preparado, que permite que os alunos tenham acesso a atividades que possibilitem o desenvolver da escrita, da oralidade e do trabalho coletivo.

Ainda analisando as respostas das docentes, quando perguntadas sobre a **contação de história dentro da sala de aula como contribuição para a leitura e escrita dos alunos,** as professoras concordam que são momento riquíssimos para o estímulo da leitura e escrita, afinal, as crianças aprendem a ler ouvindo, e observando os professores. Conforme a professora afirma:

A literatura Infantil trabalhada corretamente, desperta na criança um certo encantamento pelo ato de ler. Além de trazer uma linguagem que se aproxima do universo infantil e provoca esse passeio pelo mundo do imaginário, do faz de conta. (Professora B).

Portanto a contação de história não serve somente para entreter as crianças, mas também como fonte de auxílio para os professores observarem o comportamento delas, e seu interesse pela fala do professor, principalmente tratando-se das crianças do 1º ano, que estão em processo de transição da Educação Infantil, para o Ensino Fundamental I.

Tratando-se ainda da contação de histórias no contexto escolar, perguntamos as entrevistadas acerca das **implicações da contação de histórias, enquanto estratégia pedagógica, para o processo de alfabetização**, e ambas afirmaram que é uma atividade fundamental, que transmite conhecimentos e valores, e sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, tornando o professor a referência da proposta. Assim, a professora A, afirma que:

Na contação de história, o professor se torna um referencial de leitor para o aluno. Assim, nesse processo, o aluno é estimulado a desenvolver o prazer pela leitura, a prática da oralidade, o pensamento crítico para opinar sobre o desenrolar da história, e até mesmo a habilidade de produzir recontos tendo como ponto de partida o texto original.

O uso da contação de história, no âmbito educacional, visto como uma ferramenta pedagógica, incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura, amplia o vocabulário, e contribui para a relação entre o espaço íntimo da criança (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando, favoravelmente, na formação de sua personalidade e de seus valores. Afinal, a contação de histórias é uma fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são os eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores.

Por fim, quando perguntadas sobre **as dificuldades na sala de aula, no processo de alfabetização**, recebemos respostas distintas. A professora A destacou “que a maior dificuldade está na falta de engajamento das crianças em habilidades de leitura e escrita que deveriam ser desenvolvidas antes da entrada dos anos iniciais do Ensino Fundamental”. Já a professora B, destaca que “as maiores dificuldades consistem no desenvolvimento de um trabalhado mais articulado, relacionado as metodologia e desenvolvimento das atividades com as crianças”.

Assim, destacamos que muitos são os desafios de leitura e escrita que podemos encontrar no percurso para conseguir chegar à alfabetização e ao letramento, visto que, a criança desde seu nascimento é inserida em ambientes ricos de aprendizados, e que possuem papeis de destaques, uma vez que a linguagem, em sua construção ampla, é precedida pela leitura de mundo de acordo com as experiências vividas que se constituem em práticas sociais que andam sempre juntas, como por exemplo: (fala, linguagem, leitura e escrita).

Analisando a fala das professoras no que diz respeito as possíveis dificuldades encontradas, entendemos que a alfabetização e o letramento, é um processo que ocorre de forma singular entre os alunos. Sendo assim, é importante que a partir do momento em que a criança entra na escola, ainda que na Educação Infantil, ela tenha oportunidades de se aproximar de processos educativos que venham a colaborar com sua alfabetização futura, partindo de estímulos que proporcionem um contato prazeroso com o ato de contar, recontar e ouvir histórias.

**Considerações finais**

Ao final da nossa pesquisa, conseguimos observar que o trabalho com a contação de histórias com as turmas de alfabetização, é uma prática que as docentes reconhecem sendo capaz de colaborar com a alfabetização, e desenvolvimento de multibenefícios para a vida do estudante, como a prática da leitura e o desenvolvimento da escrita, além da criatividade e imaginação.

Falar sobre formação de leitor e escritor, está diretamente ligado a práticas educativas que se iniciam, principalmente na escola, nos anos iniciais, e que devem ser mantidas e planejadas para as séries/anos seguintes, colaborando assim para a solidificação do sujeito leitor e escritor, tendo o professor como o percursor desse auxílio aos estudantes.

Refletir sobre a prática docente dos anos iniciais, nos fez refletir acerca do impacto que essas séries têm para a formação do estudante do futuro, e que os professores devem, mais do que nunca, pensar nas suas práticas como ações que interferem diretamente na percepção que esses alunos constroem sobre a leitura, a escrita e suas práticas sociais.

As dificuldades enfrentadas pelos professores alfabetizadores, são inúmeras, desde a sua formação continuada, sendo esta necessária para o trabalho com qualidade, mas também encontrada pela subjetividade das crianças que serão alfabetizadas. Sendo assim, evidenciamos a importância do trabalho articulado nas escolas, onde os professores consigam dialogar, a ponto de criarem um planejamento educacional capaz de ser benéfico para os alunos, e para os professores, que terão como possibilidade colocar em prática suas ideias, sem se sentirem limitados.

Sendo assim, alfabetizar e letrar, são ações que devemos considerar como porta de entrada para o desenvolvimento das ideias, onde os alunos serão introduzidos a uma prática social capaz de corroborar com a construção de reflexões e práticas críticas e criativas para a construção de uma sociedade mais justa.

**Referencias:**

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2009.

AMORIM, Meira Catalani Beluzo.; FARAGO, Alessandra Correa. As práticas de leitura na educação infantil. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro, n.2, v.1, p.134-154, 2015. Disponível em: http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200353.pdf Acesso em: 29 de agosto de 2021.

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Educarem et educare-revista de educação. São Paulo, v. 06, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BUTTURE, Elaine Teotonio da Silva. **Alfabetizar letrando: concepções e reflexões**. 2017. 8 f. Curso de Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Puc/pr, 2017.

FARIA, Ingrid Graciele de. *et al.* A influência da contação de histórias na Educação Infantil. **Mediação**, Pires do Rio – GO, v.12, n.1, p. (30-48), jan-dez, 2017.

FLORES, Gelvânia Mailde. **Alfabetização e letramento na prática pedagógica**. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26828_13892.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 13 ed., 1986. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v.4).

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas da pesquisa social. 6ª edição. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

JORDÃO, Claudia & RUBIN, Débora. Para gostar de LER. Revista Educação. Ano 18 – nº 213. 2015.

LIPPI, Elisiane Andréia. FINK, Alessandra Tiburski. A Arte de Contar Histórias: Perspectivas Teóricas e Práticas. **Vivências**. V.8, n.14: p. 20-31, Maio/2012. Disponível em: http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero\_014/artigos/artigos\_vivencias\_14/n14\_02. pdf>. Acesso em: 21 de novembro de 2020.

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco. Letramento, Alfabetização e Literatura Infantil: uma relação possível e necessária. **Letramento**, Pontifícia Universidade Católica Do Paraná - Curitiba, p. 14743 - 14753, 10 nov. 2010. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5060\_2491.pdf.

MACHADO, Heloíse Martins. **A literatura infantil, a contação de história e o processo inicial de escolarização**, Universidade Estadual de Maringá, p. 1-15, 29 out. 2015.

MONTEIRO, Edenar Souza; NASCIMENTO, Fabiana Flavia de Magalhães. LUDICIDADE E LITERATURA: o despertar da formação de leitores na infância. **Revista da Faculdade de Educação**, [S.L.], v. 33, n. 1, p. 53-69, 30 jun. 2020. Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT.

OLIVEIRA, Rosane de Machado. **Literatura Infantil: A Importância no Processo de Alfabetização e Letramento e no Desenvolvimento Social da Criança.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 01, Vol. 13, pp. 375-394 Janeiro de 2017 ISSN:2448-0959.

SANTOS, Luane Diniz; SANTOS, Sâmia Maria Lima; AUGUSTA, Maria da Conceição. **Alfabetização e letramento por meio de contos populares e sua contribuição na formação do leitor.** Disponível em: [TRABALHO\_EV117\_MD1\_SA8\_ID9577\_18092018120450.pdf (editorarealize.com.br)](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA8_ID9577_18092018120450.pdf). Acesso em: 24 de outubro de 2021.

SILVA, MARIA ELIANE DA. A Importância da Contação de História na Alfabetização. **A importância da contação de história na alfabetização**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, p. 1-20, 21 jun. 2016.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001 (org.) Vera Massagão Ribeiro – 2ª Ed. – São Paulo, Global, 2004.

1. Aluna do curso de Pedagogia da FAT. E-mail: jamileafernandes@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Aluna do curso de Pedagogia da FAT. E-mail: josi\_girls24@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Aluna do curso de Pedagogia da FAT. E-mail: thaisdasilva.matos@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Professor(a) Orientador (a) deste Trabalho de Conclusão de Curso no semestre de 2021.2 [↑](#footnote-ref-4)